

BUZINAS

Nathan Zanzoni Itaborahy¹

Como de costume, corria na saída de casa. Era uma sexta-feira à tarde. A chuva – tão bem-vinda no campo – cooperava com a bagunça da cidade.

Já o sono mal dormido da noite passada alimentava a bagunça particular do rapaz. Se angustiou ao conferir o relógio: em dez minutos deveria estar noutra lado da cidade para um daqueles compromissos que pareciam engoli-lo toda energia.

(É engraçado como os compromissos em-si, ou melhor, durante, não eram tão custosos e pesados. Durante, fluíam bem. Depois, eram até louvados e agradecidos. Mas antes... Antes chacoalhavam a cabeça. Eram sabotados. Imaginados sob todas as formas de preguiça. Engrandecidos. Enfim, ele sempre dava seu jeito de chegar em seus compromissos).

Diante do outro se mostrava firme e planejado. Mas, consigo só, era puro adiamento; pura displicência. Portanto, não por acaso estava atrasado. Havia tido tempo para se planejar e sair com a calma que o compromisso requer. Mas, mais uma vez se jogava na fogueira que ele mesmo acendeu. A cidade-barulho daquela sexta chuvosa era, por si só, uma grande fogueira social, um caldeirão de pressas; compromissos e seriedades passeando pelo espaço. Dentro do rapaz o tempo incendiava.

E foi assim que trancou a porta de casa: embolando sua confusão com a confusão do mundo. Mal achava a chave que acabara de separar. Logo que saiu, se lembrou da bolsa com os documentos, dinheiro e tudo aquilo que nos requer a vida em público. Voltou para buscá-la. E lá se foram pelo menos mais uns dois minutos, contribuindo com a pressa do moço. Enfim, entrou no elevador, apertando insanamente o “T”. Era hora de correr para chegar a tempo.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é bolsista profissional de Extensão pelo País (CNPq) no AUÊ! – Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica da UFMG. nathansalamandra@hotmail.com.

✉ Rua Rodrigues Alves, 200/01, Santa Tereza, Barbacena, MG. 36201-080.



Saindo do prédio só avistava carros. Na verdade, avistava pessoas escondidas em carros. O seu havia ficado na garagem. (Preguiça de arrumar uma vaga). Andava na chuva. Dum lado prédio, doutro carro. Desprotegido da carcaça de aço com rodas. E lá foi andando. Caçando marquise. De vez em quando, pessoas. Raras.

Numa esquina adiante o caos se aglomerava. O cruzamento era uma disputa insana por espaço. O sinal dum lado se fechava e a pista do outro mal tinha sido liberada. Aí, dá-lhe buzina! Toma raiva! Pessoas escondidas se manifestando através desse artifício técnico chamado buzina. Pessoas-carros buzonavam.

(É engraçado [2] como as pessoas se sentem mais libertas para expressar a revolta dentro dos carros. Essa comunicação rudimentar das cornetas de buzinas expõe um lado selvagem dos homens. Em plena era da tecnologia. Berram como bicho doido. Ou será que é o próprio esconderijo [é mais difícil ser firme diante do olhar do outro] que revela a revolta?)

Todo esse ruído estridente o enlouquecia. Ele berrava em pensamento. Se via em casa, desfrutando o conforto de se isolar disso tudo. Ainda, o desespero alheio o fazia lembrar o atraso para o compromisso, correr mais e sorrir menos. A essa altura do campeonato já passava das quatro da tarde, hora marcada para o tal trabalho.

Logo diante desse alvoroço sonoro coletivo, um sujeito velho caminhava com seu guarda-chuva. O viu, primeiramente, sem o rosto, tampado pelo objeto. Andava despreocupado com a trajetória retilínea, trançando alguns passos; zigzagueando. Uma raridade – passo torto – dentro da raridade – pessoas sem carros ou apartamentos naquele momento-lugar.

Ao se aproximar do senhor teve a sensação de que sorria. (Seu lado perverso cogitou ser um velho caduco ou bêbado). E de fato sorria. O velho andava meio torto e ainda sorrindo diante daquilo tudo! Era muita ironia...

Inevitavelmente, ao se aproximar ainda mais do sujeito, despertou uma espécie de fixação pela cena. Não conseguia parar de olhá-lo. O velho também o percebeu, vendo o rapaz se esquivar como podia das gotas e ruídos. O admirou por compartilhar a rua sem a necessidade dum carro.

De tal forma que o velho, ao sorrir para o jovem, começou a balançar seu guarda-chuva, como quem dançava com aquele som desconcertado. Mexia o guarda-chuvas e sorria com os olhos. Provocava o jovem com aquela imagem. Ouvia naquelas buzinas um ritmo inexistente. Inventava um ritmo. Organizava em sua mente o caos da gente da cidade. Regia aquela orquestra dos desesperados, rindo da pressa.

(É mais do que engraçado sentir que ele agia como se fosse tempo de final de copa do mundo ou tempo de folia de carnaval. Seu semblante recorria às expressões que as pessoas usam nestes tempos. Isso tudo era deboche: ele usava o som das buzinas – tão real – para fantasiar sua própria realidade.)

Passaram um pelo outro. Trocaram ali alguma coisa imaterial, energética. Teatralizaram a cidade caótica. Fizeram poesia sem palavra.

O rapaz continuou seu caminho. Mas resolveu pela lentidão. Afinal, qual a diferença de chegar um pouco mais tarde? Nunca assinou contrato com relógio nenhum. Já tinha gasto outros dez minutos daqueles com tanta coisa inútil, se estivesse em casa só. Caminhou até o local utilizando da fórmula do velho.

Passou por outras esquinas e gentes com outra postura. Olhando agora pra frente.

Como o velho, ria o olho também. ☺